

Iris Bakker Sartori

ATRAVÉS DO LIVRO



Brasília, 2021

SUMÁRIO

1ª história: Através do Livro -----	Páginas
2 a 5	
2ª história: Outra Realidade -----	Páginas
7 a 11	

ATRAVÉS DO LIVRO

Em uma noite chuvosa, Meggie estava deitada na cama, lendo seu livro preferido, que falava sobre uma menina que entrou num mundo muito estranho e diferente do normal. E o pior é que ela não podia mais sair dali, a não ser que ela encontrasse uma saída, o que era praticamente impossível. Mas no final acabou encontrando e, como sempre termina em todas as histórias, terminou com um final feliz.

Meggie lia esse livro toda noite. Terminava e recomeçava, terminava e recomeçava. Não se cansava. Ela nunca sonhava com alguma coisa relacionada a esse livro.

Naquela mesma noite, a luz da casa havia acabado. Só morava ela e sua mãe, que não estava em casa porque teve uns problemas no trabalho que teve de resolver. Ou seja, Meggie estava sozinha. Ela até gostava de ficar sozinha em casa, mas não com tudo apagado, com a casa toda escura. Ela começou a ficar com medo, mas manteve a calma. “Que horas será que minha mãe chega? Bom, se ela realmente chegar...”, pensou ela, preocupada.

Passaram-se 2 horas e nada da luz voltar; nada de sua mãe chegar. Meggie estava com sono, porém não conseguia dormir, pois pensava em mil desastres que poderiam ter acontecido justificando o fato da mãe dela ainda não ter chegado. Se acalmava a cada momento que pensava nesses desastres e os substituiu por pensamentos positivos. Deram 11 horas da noite e nada ainda. Nada da mãe chegar; nada da luz voltar.

Meggie levou um susto quando viu que não estava mais no seu quarto todo escuro. Estava em frente a uma casa não muito grande, e atrás dela havia uma pequena horta. Pássaros cantando e céu azul quase sem nuvens; dia lindo. Ela viu uma menina toda feliz saindo de casa, indo em direção a ela. Ela reconhecia essa garota. Tinha as mesmas características que seu livro preferido descrevia da garota desse livro.

Por algum motivo, a garota não parava de falar. Descrevia todo o momento e dava informações sobre a vida dela. A menina passou por Meggie e nem olhou na sua cara. Meggie deu oi; a menina a ignorou, enquanto colhia alguns alfaces e tomates da horta. Meggie foi prender o cabelo (mesmo sendo bem curto) e... “Cadê minhas mãos?!”, se perguntou, agoniada. Ela estava invisível. Como? Por quê?

Talvez você, leitor (a), já saiba, mas Meggie não fazia ideia. Ela simplesmente não entendia nada.

A menina terminou de colher os alfaces e tomates e passou por Meggie, sem vê-la. Ela não fazia ideia de que havia alguém ali. Meggie automaticamente e de repente começou a seguir a menina, sem explicação nenhuma; só seguiu. A menina entrou dentro de casa com Meggie invisível lhe seguindo. Foi à cozinha limpar os tomates e alfaces. A menina cantava com uma voz suave e delicada. Meggie ouvia a voz melodiosa da menina, sentindo uma tranquilidade profunda.

A garota fez uma salada e começou a preparar o almoço para a família, como sua mãe havia lhe pedido. Era um prazer enorme para ela fazer almoço para a família. Meggie reconheceu a situação. Desconfiava de estar dentro do livro que

mais lia, mas recusou-se a acreditar, pois aquilo seria impossível. Talvez fosse imaginação dela...

Almoço pronto. Realmente parecia estar muito bom, cheirava tão bem. A família toda foi comer.

De repente havia passado de momento. Não estava mais naquele momento do almoço, agora era outro: a menina estava na escola, com Meggie ainda invisível junto dela. A garota estava lanchando, sozinha no recreio. Não tinha amigos. Mas ela nem se importava, gostava de ficar sozinha, ela e ela mesma. Meggie, nesse momento, queria muito **não** estar invisível. E ela continuava reconhecendo a situação.

O tempo de recreio era enorme, dava para fazer mil coisas. A menina passava o recreio todo lanchando e ouvindo as conversas entre as pessoas. Ela era um pouco mais tímida, não falava muito.

Enfim, o recreio havia acabado e todos foram para sala de sua determinada matéria. Era geografia a aula da menina. Tinham que apresentar um trabalho, no qual ela demorou mais de duas semanas para fazer. O trabalho foi cansativo...

* * *

A menina voltou da escola a pé, e Meggie só lhe seguindo. Chegando em casa, só viu seu cachorro deitado no chão, sem se mexer, sem respirar. Ela não entendia o motivo do cachorro ter morrido, pois ele estava super bem, era novo ainda. Ele era muito especial pra ela, era o motivo da felicidade dela...

E, do nada, de novo, era outro momento. O cachorro estava sendo enterrado. A menina e sua família colocavam flores no local onde o cachorro foi enterrado. A garota só descrevia o momento, e Meggie não entendia o porquê. O engraçado é que ninguém ao redor da menina escutava ela narrando o momento. Cada vez foi ficando mais confuso. E Meggie novamente reconhecia a situação. Aí ela foi desconfiando mais ainda que estava dentro do seu livro favorito.

Bom, a garota ficou bem triste com a morte do cachorro. E o tempo inteiro imaginava que ele estava ao seu lado.

E de novo o momento havia mudado. Já estava de noite, era outro dia. A menina adotara outro cachorro e tentava esquecer do antigo para não se entristecer. Mas era impossível, ela lembrava dele o tempo todo. Só queria revê-lo.

Ela foi lavar as mãos para jantar. Chegando no banheiro, sentiu uma sensação estranha. Meggie, ainda invisível, sentiu a mesma coisa. De repente, tudo foi se apagando, ficando escuro. Num piscar de olhos, as duas estavam em um lugar estranho e diferente. Nele havia coelhos voadores, cogumelos e flores do tamanho de prédios, pássaros com asas de borboleta e outros animais estranhos. Lá longe, no meio de pequenas árvores, havia uma mesa de chá.

E Meggie novamente reconheceu toda aquela situação. Desde que a menina tinha ido ao banheiro lavar as mãos até esse momento. Aquela história era igualzinha a do livro preferido dela. E então acreditou que estava, sim, dentro do livro. Mas como? Ela não sabia.

Ela era o leitor; quem estava lendo o livro. Isso explica o fato de ela estar invisível. Ela estava basicamente “lendo” o livro dentro dele, enquanto via toda a história acontecendo. Isso também explica o fato dos momentos do nada serem outros: era a passagem dos capítulos. E também explica o fato da menina narrar os momentos: ela era a personagem principal do livro e a narradora. Agora tudo faz sentido. A única coisa que Meggie queria saber era como ela foi parar lá.

Aquele lugar era estranhamente bonito. A personagem principal do livro, ao avistar aquela mesa de chá, decidiu ir até lá. Meggie a seguia, automaticamente. Enquanto andava, a menina foi ficando angustiada. Aquele lugar era bem bonito, mas era tão estranho, que dava até uma sensação estranha. Ela queria voltar para casa.

No caminho, a menina viu a lua na fase crescente. “Lua agora, nesse dia ensolarado?”, pensou a garota. Quando foi ver, essa lua era um sorriso de um gato que tinha acabado de aparecer. Ele podia ficar invisível, mas seu sorriso não.

— O que você, humana, faz aqui? — perguntou ele à menina.

— Não sei. Só estou aqui. Como posso sair daqui?

— Isso não é comigo, pergunte a outro.

— Perguntar a quem? Por favor, me ajude, quero sair logo daqui. O lugar é lindo e tudo mais, mas, não sei, só quero voltar pra casa...

Assim que a menina falou isso, o gato tornou-se invisível novamente, com seu sorriso disfarçado de lua, sem respondê-la.

— Me responda!! A quem eu posso pedir ajuda para sair daqui?

Mas o gato não respondeu. A garota continuou a andar. “Quem será esse 'outro'?”, pensou.

Meggie sabia a quem ela devia procurar para saber como sair dali. Ela adoraria falar para a garota, se não estivesse invisível e se a garota a ouvisse.

“Bom, estou curiosa para ver essa mesa de chá, cheia de comida e chá, é claro. Já que esse lugar é tão estranho, vai que as comidas falam, ou os pratos e xícaras. Talvez possam me ajudar a sair daqui”, pensou a menina.

Quando ela estava chegando na mesa de chá, surgiu uma pessoa, com um chapéu enorme e uma roupa colorida, além da raposa, do coelho, lagartas enormes e um cachorro. Todos tomando chá e conversando.

A garota reconhecia aquele cachorro. Era seu cachorro que tinha acabado de morrer (sem motivo)! Ela foi correndo até ele e, quando foi abraçá-lo, pararam ela, antes mesmo de chegar perto do cachorro.

— O que faz aqui? Você é uma humana, não pode ficar aqui — disse aquela pessoa com um chapelão.

— Não sei. Só estou aqui. Esse é meu cachorro. E você, o que faz aqui? Você também é um humano.

— Eu pertencço a esse lugar. Como assim esse é seu cachorro?

— Ele morreu faz quase um mês. Reconheço ele. Quero-o de volta.

— Não pode. Ele pertence a esse lugar, assim como nós.

— É verdade... agora eu sou daqui — disse o cachorro.

— E desde quando você fala?! — perguntou sua dona, chorando de felicidade. Seu cachorro estava vivo! Em outro lugar...

— Desde que vim pra cá. Desculpe, não vou poder mais voltar a ficar com você! Eu queria muito mas não posso. Não me deixam ir. E eu gosto daqui!

A menina ficou triste, mas aceitou. Se esse era o lugar que ele queria ficar, é isso que importa...

— Mas algum de vocês poderia me ajudar a sair daqui?

— É simples sair daqui. Você só tem que parar de imaginar que está aqui — disse o coelho.

— Imaginação? Isso é imaginação? Como?

— É tudo imaginação — disse o cachorro —, afinal, como poderia ser real?

Que difícil. Como parar de imaginar isso, se nem parece imaginação?

— E como eu paro de imaginar?

— Aí isso é com você — disse uma das lagartas.

Meggie sabia como ela iria parar de imaginar tudo aquilo. Mas não conseguia falar para a garota.

A menina agora tinha outra questão a ser resolvida. Não era mais saber como sair dali e quem poderia ajudá-la, agora ela queria saber como parar de imaginar aquilo tudo. Voltou pelo mesmo caminho que tinha ido à mesa de chá. Deu tchau a todos e especialmente a seu cachorro.

Já no meio do caminho, na volta, olhou para trás e todos que estavam na mesa de chá, tomando chá e conversando, sumiram. Ela continuou a andar. Encontrou novamente a lua, o sorriso do gato. Era quem ela queria encontrar.

— Oi. Está aí? Preciso da sua ajuda.

O gato apareceu.

— Olá. Pode me ajudar? Eu fui até aquela mesa de chá — apontou a menina para onde estava a mesa de chá — e me falaram que essa situação toda, que esse lugar que eu estou, é tudo imaginação. Para eu sair daqui, disseram que eu devo parar de imaginar nisso tudo. Como faço?

— Pare de imaginar — disse o gato, ficando invisível novamente.

— Legal. Me ajudou bastante — disse a menina, na maior ironia.

A menina procurou um lugar confortável para se sentar. “Agora é só parar de imaginar. Vamos, você consegue”, disse ela para si mesma, ao sentar num lugar ótimo, fechando os olhos e se esforçando ao máximo. Tentou mais de 10 vezes e não conseguiu. Na 11ª vez de tentativa, ela finalmente conseguiu. Parou de imaginar naquilo. Como? Nem ela sabia, só deu certo. E tudo ficou branco. Era só um nada. Um grande nada. Meggie sabia o que ia acontecer. “Agora vai mudar de capítulo”. E realmente, mudou de capítulo.

Quando mudou de capítulo, Meggie acordou. Estava em seu quarto escuro novamente. A luz ainda não havia voltado. “Como assim era tudo um sonho? Que loucura!”, pensou ela, assustada. Meggie pegou o livro no qual estava dentro, em seu sonho. Ligou a lanterna do seu celular para iluminar o livro. “Eu estive dentro disso... parecia tão real. E aquele nem era o fim”. Ela queria voltar a sonhar. Queria viver a próxima parte do livro, estava quase chegando ao fim. Ela tentava dormir de novo, mas não conseguia. Tentou muitas vezes, mas não conseguiu. Estava com insônia.

Ela ouviu passos andando pela casa. Ela iluminou com a lanterna do seu celular e, silenciosamente, foi até a sala, de onde os passos vinham. Ela não conseguia enxergar direito quem era. Só via uma figura humana.

As luzes voltaram, tudo iluminou-se novamente. Era a mãe dela.

Iris Bakker Sartori

OUTRA REALIDADE

Brasília, 2021

OUTRA REALIDADE

Emma era uma menina curiosa. Gostava de ler.

Desde pequena ela brincava de esconde-esconde com seus irmãos mais velhos: Jade (a mais velha) e Bento (o irmão do meio). Por mais que todos já fossem “grandes demais” para brincar de esconde-esconde, essa era a única forma de eles se distraírem. Mas, afinal, por que eles teriam que se distrair? Bom, quando Emma tinha acabado de nascer (Jade tinha 5 anos e Bento 3), seus pais haviam morrido. Eles tiveram que ficar com seus avós, que morreram um ano depois. Só restava ficarem com a tia. Ela era um pouco doida, morava em uma casa enorme e bem estranha. Tanto que tinham diversos lugares da casa que Emma, Jade e Bento não podiam ir. E aí você pensa: se Emma era tão curiosa, então ela provavelmente já deve ter ido para algum lugar da casa que a tia não deixava eles irem. Mas ela nunca foi para nenhum lugar. Durante seus 13 anos de vida, teve de controlar sua curiosidade extrema. E foi bem difícil. Se bem que um dia, quando tinha uns 7 anos, ela tinha tentado entrar em um quarto, cuja porta era enorme, de madeira, cheia de desenhos estranhos e incompreensíveis. Não conseguiu entrar porque primeiro que era impossível abrir a porta, ela vivia trancada e não tinha chave; segundo que, enquanto Emma tentou de todas as formas abrir aquela porta, sua tia havia a visto e deu uma bela bronca nela.

Aquele era o lugar da casa que ela mais queria entrar. Ela queria tanto saber o que tinha lá...

Certo dia, a tia havia adoecido. A família era pequena e ninguém podia cuidar dela; os que restavam vivos sempre estavam ocupados. Então, os irmãos tiveram que cuidar da tia. Era algo bem difícil de se fazer, porque ela era bem impaciente. Tudo o que faziam para ajudá-la, ela reclamava e dizia que ela mesma iria fazer as coisas.

Os dias iam passando e nada da tia melhorar. Emma nem ligava muito, passava os dias no celular ou lendo algum livro. Seus irmãos reclamavam com ela porque ela não ajudava eles a cuidar da tia. Ela realmente não estava nem aí.

Os irmãos não brincavam mais de esconde-esconde, desde que a tia havia adoecido. Como Emma não ajudava eles, ela ficava sem nada para fazer, por isso ficava só lendo livros e mexendo no celular.

Emma não gostava da tia, porque esta era mais chata com Emma do que com os dois irmãos. E o porquê ninguém sabe. Ela maltratava Emma, não dava muita atenção a ela. A tia era chata com os três irmãos, mas era muito mais chata com Emma. E ela decidiu aproveitar que a tia tava doente para dar o troco. Nem deu muita atenção à tia.

E a tia não melhorava. Emma já estava entediada de ficar o tempo todo no celular e lendo. Mas só tinha isso para fazer. Por mais que ela adorasse ler, já estava ficando chato, porque havia lido todos os livros que tinha e teve que ficar relendo alguns. Jade e Bento também não aguentavam mais cuidar da tia.

Com tanto tédio acumulado, Emma tentava pensar no que fazer sem ser ficar no celular e ler livros. Aí lembrou daquele quarto (era o que ela achava), com a porta grande, de madeira e toda desenhada. Aquele lugar que ela tanto gostaria de ver como é por dentro. Melhor momento para ir lá tentar abrir aquela porta, já que a tia não veria. Emma saiu de seu quarto e foi em direção àquela porta, que, como Emma achava, daria entrada a um quarto. Estava com um martelo na mão para [tentar] abrir a porta, assim podendo entrar no que ela acreditava ser um quarto.

Chegou à porta. Demorou um pouco para achá-la, porque, como disse, a casa era enorme e seu quarto ficava muito longe daquela porta.

Emma posicionou-se em frente a porta, segurou firme o martelo e bateu ele contra a porta. Fez um barulhão (é claro) e já ia imaginando sua tia lhe chamando ou seus irmãos indo ver o que era. Se isso acontecesse (o que era bem provável), para não a verem, Emma passou rapidamente pelo buraco que fizera na porta com o martelo. O lugar onde entrou era grande. Realmente era um quarto. Um quarto todo bagunçado: duas e únicas camas estavam destruídas, as prateleiras estavam cheias de livros empoeirados e velhos, 3 estantes estavam empilhadas uma em cima da outra e um grande armário estava coberto com um pano.

Os irmãos já começaram a chamá-la.

– Emma? - chamou a irmã.

– Emma! - chamou o irmão

As vozes chegavam cada vez mais perto daquela porta. Emma queria se esconder, mas não sabia aonde. Logo olhou diretamente para o armário e foi correndo esconder-se lá dentro. Tirou o pano; entrou. Viu uma luz, bem fraca, por trás de algumas roupas penduradas em cabides. Ouvia a voz dos seus irmãos lhe chamando, mas os ignorava. Estava olhando diretamente para a luz. A cada passo que dava, a luz ia ficando mais forte. Ao mesmo tempo, Emma pensava como era grande aquele armário.

Aquela luz deu origem a um túnel. Emma, curiosa como era, resolveu entrar no túnel. Sempre ouvia dos seus irmãos: “Tanta curiosidade mata, em alguns casos”. Havia lembrado dessa frase, mas a esqueceu rapidamente ao avistar uma floresta, coberta de neve. Já estava no final do túnel. Continuou o caminho. Já nem ouvia mais as vozes dos irmãos. Chegou no fim do túnel. O lugar era tão silencioso que só dava para ouvir a neve caindo nas árvores. Lá era lindo: grandes árvores cobertas de neve, montanhas no horizonte, também cobertas de neve e... um cavalo falante?! Bom, não era muito bem um cavalo... era um pouco diferente: as patas eram menores e esse não tinha rabo, além disso, falava. Mas enfim, como era parecido com um cavalo, vamos considerá-lo assim.

Por algum motivo ele estava feliz com Emma ali. Ela perguntou porque ele estava tão feliz com a sua presença. O cavalo disse que era porque ele andava muito sozinho naquele lugar. Quase todos haviam morrido.

– Todos quem? – perguntou Emma.

– Os habitantes desse lugar, ué. Aqui vivem humanos e animais. Não temos tanto medo das pessoas daqui, mas sim dos que vêm para cá sem serem habitantes. Senti confiança em você, por isso não fiquei com medo. E também porque agora não estou sozinho!!

Emma ficou feliz também. Mas não ficaria lá para sempre, e já foi logo avisando para o cavalo. Ele compreendeu. Mas no fundo, queria que ela ficasse lá com ele para sempre. Sendo assim, ele levou ela até sua casa, que era longe. Passaram por vários animais e humanos mortos, alguns estavam sangrando, outros não. “O lugar parecia tão bonito... agora está como um cemitério”, pensou Emma, agoniada.

– Você disse que quase todos morreram. Mas como? – perguntou Emma.

– Também não sei...

Finalmente chegaram na casa do cavalo. Casa muito fofa, toda de madeira. Era bem escura. O cavalo fez um chá, por causa do tempo frio. Enquanto ele preparava o chá, Emma foi olhando a casa. Começou a sentir um cheiro estranho, tipo de carne. Esse cheiro vinha de fora da casa, atrás dela. Emma seguiu o cheiro. Saiu da casa e foi para trás dela. Tinha uma casinha. Viu alguns pingos vermelhos no chão, parecia sangue. Ela ficou assustada, mas continuou indo. Lembrou de novo da frase que os irmãos falavam: “Tanta curiosidade mata, em alguns casos”. Parou um pouco. Aí logo esqueceu e continuou. Quanto mais perto da casinha, mais forte era o cheiro. Quando abriu a porta da casinha, estava tudo escuro. Só dava para ver um pouco alguns animais e pessoas mortas. Logo chegou à conclusão de que o cavalo havia matado alguns habitantes do lugar. “Mas por que?”

Pelo visto ele não queria ficar sozinho...”

Ouviu o cavalo a chamando. Foi correndo até a casa, tremendo muito. Antes mesmo de se sentar para tomar o chá, ela disse ao cavalo que precisava ir embora e que não dava tempo de fazer mais nada. O cavalo insistia para que ela ficasse.

– Toma pelo menos o chá! Fiz com tanto carinho e dedicação...

“Esse chá aí deve ter uns pinguinhos de sangue, já que é meio vermelho”, pensou Emma.

– Não dá, eu realmente preciso ir.

Nem deu tempo do cavalo insistir mais. Emma já saiu correndo. Correu bastante, o mais rápido que conseguia. “Tanta curiosidade mata...” “Tanta curiosidade mata...”, só pensava nisso. Era como se seus irmãos estivessem falando isso para ela ali, naquele momento.

Ela corria e corria, mas não achava o túnel. Nem sabia onde estava. Decidiu parar um pouco e olhar ao redor. Apenas o que via eram árvores e montanhas cobertas de neve. Começou a entrar em desespero. E de repente, ouviu o cavalo a chamando. Ficou mais desesperada ainda. Ela procurou um lugar para se esconder, mas antes mesmo de olhar um esconderijo, o cavalo já estava ao seu lado. Ele a achou muito rápido, como se tivesse se teletransportado para o lado dela. Emma desmaiou de tanto desespero e ansiedade e mil coisas passando pela sua cabeça.

Quando acordou, já estava de noite. Ela estava no mesmo lugar e o cavalo não estava mais lá. “Caramba... que sorte que ele não me matou. Teria sido uma oportunidade para ele, mas ainda bem que a descartou”, pensou Emma. “Talvez ele não tenha me matado porque, como ele mesmo disse, sentiu confiança em mim”.

Ela decidiu ir procurar o túnel. Já que, quando entrou no armário, ele era inicialmente uma luz, talvez seria mais fácil achá-lo de noite.

Passou uma hora e ela ainda não tinha achado aquele túnel. Depois de duas horas procurando e não achando, acabou desistindo. Estava com muito sono e acabou dormindo.

Novo dia. Emma se sentiu em condições de procurar novamente o túnel. Procurava e não achava. Decidiu então gritar o nome dos irmãos o mais alto possível, mas não adiantava.

Depois de tanta gritaria, um leão enorme foi chegando perto dela. Ele estava calmo (ainda bem), mas Emma nem um pouco. O leão chegou bem pertinho dela. Emma só tremia. Ele apontou com uma pata para uma luz bem fraca, lá longe.

“Talvez seja o túnel!!”, pensou Emma, alegre. Saiu correndo em direção a luz, sem desviar o olhar dela. E cada vez que ia chegando mais perto, a luz ia ficando mais forte e dando origem ao túnel. Emma toda feliz entrou desesperadamente no túnel. Andou, andou, andou e finalmente chegou no armário. Sentiu um alívio tão grande.

– Emma!!

– Emmaaaa!

Os irmãos ainda lhe chamavam. Um dia naquele lugar, naquela outra realidade, complexa e estranha, porém bonita ao mesmo tempo, era equivalente a um minuto na realidade a qual Emma pertencia e todos nós pertencemos.

Emma saiu do armário, exausta. Seus irmãos acharam o buraco na porta e a viram deitada no chão.

– Doida! O que faz aí? Quebrou a porta. A tia disse que não era para ninguém entrar aqui, não se lembra? – disse a irmã.

Emma nem respondeu. Estava cansada demais para fazer qualquer coisa, até mesmo falar. E dormiu ali mesmo, no chão empoeirado daquele quarto, às vozes de seus irmãos falando com ela.

ATRAVÉS DO LIVRO

OUTRA REALIDADE

Editora INDI